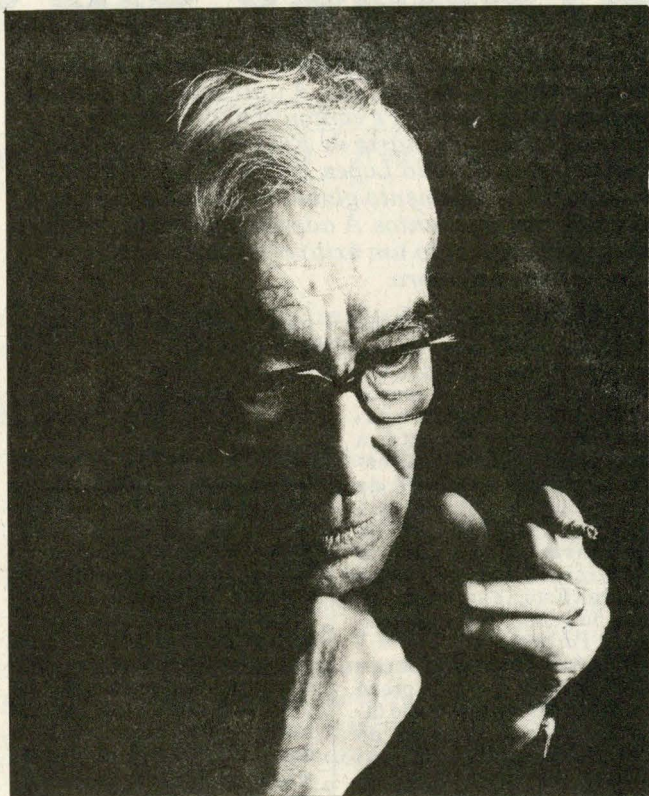


# A SEMANA

Fernando Paulouro Neves



## O Regresso de Cardoso Pires

**A**CONTECIMENTO relevante foi, esta semana, a apresentação do livro de José Cardoso Pires *De Profundis, Valsa Lenta*. Momento alto para a criação literária portuguesa, prazer renovado para nós, seus leitores de muitos anos. Terça-feira, à noite, oiço-o explicar, na tv, a história deste livro: a sua experiência clínica, as sombras e a luz de uma situação quase-limite. A morte e a vida, digo eu, se assim posso dizer de forma abreviada e rápida. "De um momento para o outro, a pessoa perde amavelmente a existência", diz o autor, que sublinha como "a memória é mais importante do que a inteligência" porque "sem memória uma pessoa não é nada". Retenho outras reflexões do escritor, sinais da sua saga hospitalar, que neste livro quis responder ao desafio (inalcançável) de "fazer uma escrita branca", isto é, totalmente despojada da sua própria inevitabilidade literária. "O retornar à vida, o reconhecer a vida é um acto de amor", José Cardoso Pires *dixit*. Este romance, adivinha-se então, é um livro de amor, escrito com o rigor oficial de que falava Carlos de Oliveira e com aquele sentido a que a obra do autor de *O Anjo Acorado* já nos habituou: "uma proposta feita à sensibilidade, à inteligência do leitor". E, de novo, cruzo com o universo ficcional de Cardoso Pires, o pensamento de Carlos de Oliveira: "Quanto mais depurada for a proposta, maior a sua margem de silêncio, maior a sua inesperada carga explosiva. A proposta, a pequena bomba de relógio, é entregue ao leitor. Se a explosão se der ouve-se melhor no silêncio". À procura da tal "escrita branca".